



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfi@dabr.com.br

Duende baiano

Renato Matos é um duende baiano que botou vatapá no caldeirão modernista de Brasília. Inventou um reggae com sotaque candango e foi um dos primeiros a fazer crônicas musicais a partir da vivência na cidade espacial, com canções de balanço e letras pós-tropicalistas.

Reage candango, meio samba, meio baião, meio blues, meio bossa-nova. Ele reinou nos Concertos Cabeças, realizados nos gramados da SQS 311 e no Parque da Cidade. Quando tinha 17 anos,

dois tios que trabalhavam na construção de Brasília mandavam pôsteres da cidade. Renato tinha visto uma foto da Escola Parque da 508 Sul, ficou fascinado e colocou na cabeça que queria estudar naquela escola com piscina.

Ator e artista plástico, logo que chegou, impressionado com as distâncias de Brasília, compôs a clássica canção *Um telefone é muito pouco*. Muitos pensavam que se tratava de uma música romântica, mas, para Renato, o problema era geográfico e de mobilidade urbana.

Visitava o Gama para namorar e tinha dificuldade de ir à cidade-satélite. No entanto, a volta era tranquila, pois sempre conseguia carona com deputados e doutores do Plano Piloto: “Um telefone é muito pouco/Pra quem ama como louco/E mora no Plano Piloto/Se a menina

que o cara ama/Tá pra lá do Gama, mata de desgosto/E ele fica dentro do pijama/Em cima da cama/comendo biscoito”.

A canção expressa a introspecção a que a espacialidade e o silêncio de Brasília induzem. Ele veio da Bahia para morar com a família de Zilá Reis, mãe do ator Guilherme Reis. Todos saíam para trabalhar e Renato ficava em casa contemplando a cidade pela janela: “E a televisão com seus programas/Que não têm mais chama pra quem tá afoito/E ele foge para Asa Norte/Tropeçando em ratos/Que saem do esgoto”.

Uma outra música que se tornou trilha sonora da geração Cabeças é *Guará 2*. Renato a considera a primeira canção sertaneja de Brasília, embora venha embalada no balanço do reggae. Mas o tom é o lamentoso de dor de cotovelo,

provocado novamente pela dificuldade de deslocamento em Brasília, que afeta os relacionamentos amorosos: “A menina que eu amo/A menina que eu amei/Me deixou para depois/Porque eu moro no Guará 1/E ela mora no Guará 2/Ela de lá e eu de cá/Jornal não vou aguentar/Ai que frio/Palavras cruzadas não dá”.

Mais recentemente, Renato fez uma bela parceria com o poeta TT Catalão, *Solidão celular*. Pode ser considerada quase que uma sequência de *Um telefone é muito pouco*, mas, agora, em outras circunstâncias.

O aparelho que, em tese, promoveria a conexão total é criticado como reduto da solidão e da desumanização. Algumas pessoas costumam ou costumavam (antes da pandemia) ir aos bares e ficar defronte às outras com as

maquininhas de digitar, sem mirar o olho do interlocutor.

No filme *Sirig Dum Brasília*, de André Luis de Oliveira, Renato erra pelo silêncio espacial de Brasília com a intimidade de quem passeia pela casa, com a voz ecoando: “Ah, ah, esta solidão celular/Ter todos ao alcance e não ter com quem falar/E não ter com quem tocar no coração/Ah, ah, esta solidão celular”.

Entretanto, com a pandemia, nós estamos mais para “um telefone é muito pouco/prá quem ama como louco/e mora no Plano Piloto”. Os, algumas vezes, tão vilipendiados celulares têm sido preciosos. São as imagens, os vídeos, as mensagens, os beijos e os abraços virtuais que estão nos salvando. Ah, ah, esta solidão celular... Vamos celebrar os 70 anos do duende baiano!

Tempo médio de uma mulher na busca por trabalho caiu de 2020 para 2021, mas ainda é superior a 12 meses. Homens esperam 49 semanas, enquanto elas chegam a aguardar 55 semanas por uma oportunidade

Elas esperam mais por vaga

» ANA ISABEL MANSUR

As mulheres desempregadas do Distrito Federal esperam mais de um ano por uma nova oportunidade no mercado de trabalho. O tempo de procura por um emprego no DF caiu, tanto para elas quanto para eles, na comparação entre 2020 e 2021 — mas a queda entre o público feminino foi menor. Estatísticas fechadas no segundo semestre de 2020 mostram que elas procuraram ocupação por 58 semanas. Já os números de 2021 apontam que a busca durou 55 semanas. Enquanto isso, os homens buscaram vagas por 51 semanas em 2020 e por 49 em 2021.

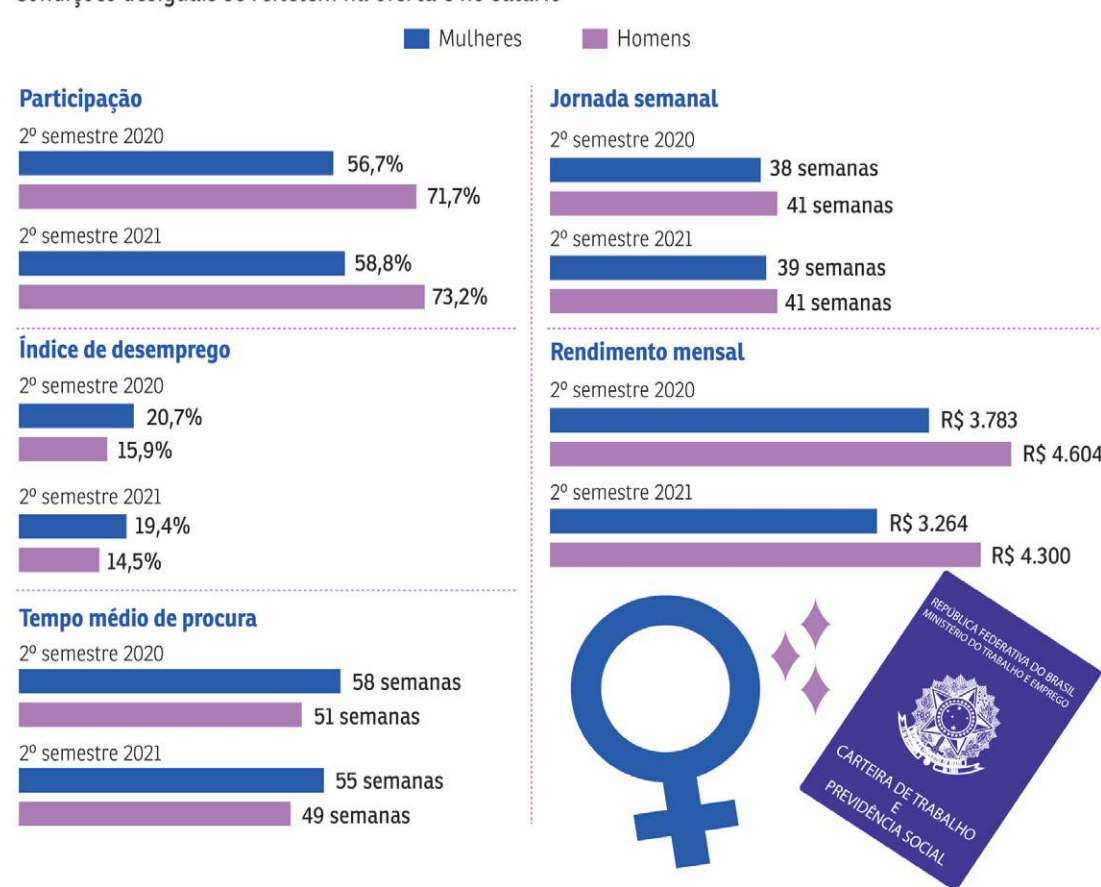
Sidneia Jesus, 25 anos, é uma das mulheres que aguarda há mais de um ano por uma nova oportunidade de trabalho. Antes de ficar desocupada, ela atuava como costureira, mas não consegue arranjar um emprego desde 2020. Moradora de Sobradinho, com os dois filhos, um menino de 6 anos e uma menina de 9 meses, e uma sobrinha, de 14 anos, Sidneia é a única responsável financeira da residência e tem sustentado a família com R\$ 400 mensais, que recebe de programas sociais do governo. “Quero qualquer emprego, em qualquer área. Tem sido muito difícil”, desabafa.

Os números da conjuntura profissional feminina na capital federal são fruto do Boletim da Mulher no Mercado de Trabalho, divulgado ontem. O documento foi produzido em conjunto pela Companhia de Planejamento do DF (Codeplan) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). A apresentação virtual foi aberta pela secretária da Mulher do DF, Ericka Filippelli.

Para a gestora, as pesquisas são importantes para a elaboração de políticas públicas, porque são baseadas em evidências. “A autonomia econômica das mulheres é o nosso grande desafio. Por mais que tenhamos conquistado maior participação no mercado de trabalho, ainda temos muitos desafios a serem superados, como a inserção feminina no mercado formal de trabalho e a maior participação de mulheres em espaços de decisão nesse mercado”, defendeu a secretária.

Mercado de trabalho

Condições desiguais se refletem na oferta e no salário

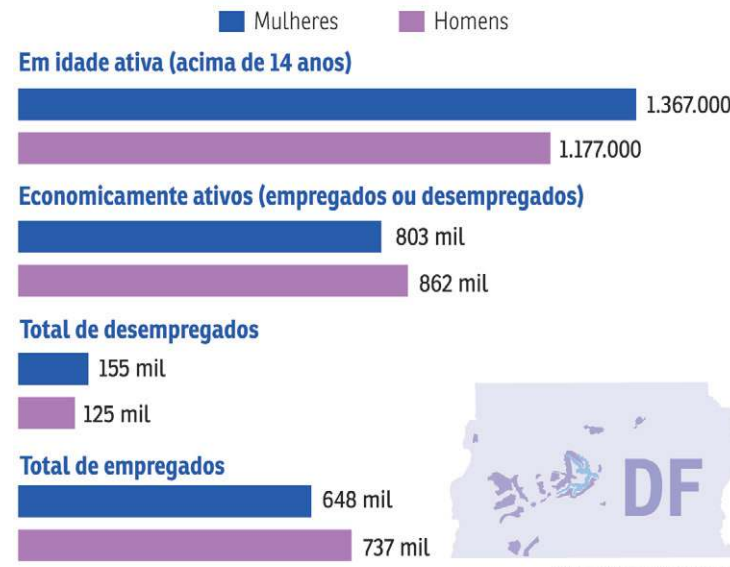


Remuneração

Mesmo para as mulheres que conseguiram se recolocar no mercado de trabalho, as condições atuais são desfavoráveis no DF. O rendimento delas caiu em 2021 na comparação com 2020. No ano retrasado, a força feminina recebia mensalmente, em média, R\$ 3.783, contra R\$ 3.264 no ano seguinte, queda de 13,7%. Os ganhos delas por hora também diminuíram, passando de R\$ 23,26 para R\$ 19,55 — decréscimo de 16%.

Ironicamente, as mulheres do DF trabalharam uma hora a mais em 2021 do que em 2020: 39 horas semanais, contra 38, no ano retrasado. No mesmo período, os homens da capital federal mantiveram a jornada semanal de 41 horas. A comparação de gênero mostra que a força de trabalho masculina teve diminuição nos ganhos nos dois anos, tanto no valor-hora quanto no rendimento mensal. A queda, porém, foi menor do que a observada entre as

Ocupação por gênero

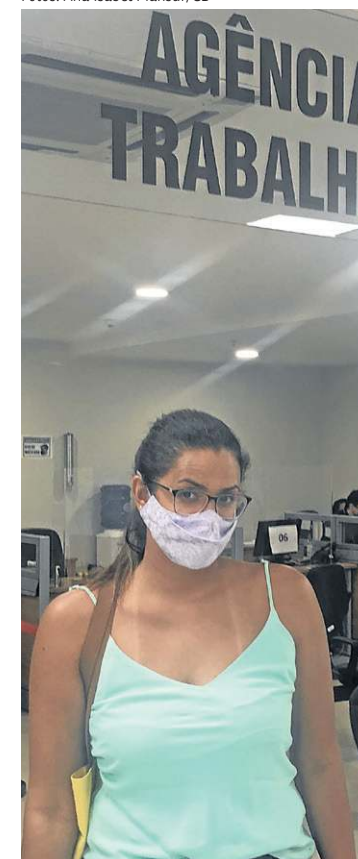


mulheres do DF. Em 2021, eles receberam R\$ 4,3 mil por mês, contra R\$ 4.604 em 2020, diminuição de 6,6%. Há dois anos, o rendimento médio por hora deles era de R\$ 26,24, valor que também caiu 6,6% e foi para R\$ 24,5.

No segundo semestre do ano passado, as mulheres do DF receberam 79,8% do valor que os

homens ganharam por hora da capital do país. Essa taxa era de 82,2% no primeiro semestre de 2021. O número está em queda desde os seis primeiros meses de 2020, e o último resultado é maior do que o observado no primeiro semestre de 2019 (79,2%) e no segundo semestre de 2018 (76,2%).

Fotos: Ana Isabel Mansur/CB



A atendente Denise Jesus, 37, ficou desempregada há um mês



Sidneia Jesus, 25, sustenta filhos e sobrinha com R\$ 400

Desemprego

A quantidade de mulheres economicamente ativas (acima de 14 anos) no DF cresceu 4% entre o segundo semestre de 2020 e o de 2021. O desemprego entre elas caiu 3,1% e o número de mulheres ocupadas subiu 5,9%, no mesmo período. Lucia Garcia, economista do Dieese, destacou o comportamento dos dados e apontou que, embora positivos, os resultados não devem, necessariamente, ser comemorados. “Isso mostra que as mulheres estão ampliando a presença no trabalho autônomo, o que aumenta a quantidade de mulheres na informalidade. Elas estão retomando ao mercado de trabalho, porém em situação de insegurança. Isso emite sinais de alerta”, explicou a especialista.

O desemprego entre mulheres do DF passou de 20,7% para 19,4% do segundo semestre de 2020 para os últimos seis meses do ano passado. A taxa masculina caiu de 15,9% para 14,5%. A participação feminina no mercado de trabalho da capital federal subiu de 56,7%, no último semestre de 2020, para 58,8%, em 2021. O índice dos homens cresceu de 71,7%

para 73,2%. Segundo Lucia Garcia, o desemprego acompanha o caminho das mulheres na trajetória profissional, principalmente por acumular as funções domésticas, que recaem sobre elas de maneira desproporcional. “As regularidades estatísticas nos dizem que a participação das mulheres na esfera econômica, é, em geral, diminuída, porque elas executam funções não remuneradas, que ocupam a maior parte do tempo, diminuindo a presença delas no mercado assalariado, tão valorizado na nossa sociedade”, pontuou a economista.

Denise Jesus tem 37 anos, mora no Cruzeiro, e está desempregada desde o mês passado, quando foi desligada de uma empresa seguradora, onde trabalhava como atendente. O contrato era por tempo indeterminado. Ela não tem filhos e mora com a mãe e a tia. A mãe também está sem emprego e a tia é aposentada. “Eles mandaram embora muitas pessoas”, contou à reportagem na saída da Agência do Trabalhador da Asa Norte. “Vim hoje (ontem) para tirar uma dúvida sobre o seguro-desemprego e ver se tinha alguma vaga”, relatou.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfi@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 7 de março de 2022

» CAMPO DA ESPERANÇA

Buck Jones Lassi, 84 anos
Domingos Vieira, 85 anos
Edmar Roberto de Souza, 81 anos
Francisca Ferreira Vasconcelos Monteiro, 86 anos
Lourenço Alves de Sousa, 69 anos
Lucy Varella Barca de Miranda, 93 anos

Domingos Coelho, 89 anos
Marco Antônio Almeida Del'isola, 66 anos
Renault Vieira Souza, 79 anos
Sérgio Santiago Penna Teixeira, 69 anos
Sônia Guerra Joffily, 10 anos

» TAGUATINGA

Alessandro Rodrigues Pereira, 44 anos
Antônio Alves Cardoso, 65 anos

Antônio Pereira Neto, 78 anos
Edna Ferreira dos Santos Silva, 52 anos
Flávia Regina Pereira, 41 anos
Francisco Alves Barros, 70 anos
Francisco Pessoa Queiroz Filho, 73 anos
Honofre José Mendes Moreira, 75 anos

João Eufrázio de Souza Filho, 72 anos
Mara Ribeiro Moura, 70 anos
Maria Gomes de Lima, 84 anos
Orlando Barros Carvalho, 51 anos
Severino Bernardino Silva, 82 anos

» GAMA

Jadson Antônio dos Anjos, 59 anos

» PLANALTINA

Jeferson Oliveira Souza, 31 anos
Sérgio Azarias Silva, 44 anos

» SOBRADINHO

Amaro Correia Silva Filho, 85 anos
Núbia Maria Ferreira, 65 anos
Paulino Rogério Melo, 55 anos

» JARDIM METROPOLITANO

Iracema Silva Macedo, 81 anos
Maria da Conceição Barbosa de Araújo Hora, 99 anos
Laurizete da Silva Farias, 77 anos
Jorge Garcia da Fonseca, 66 anos
Onelina Alves da Vitória, 80 anos